

Da minha biblioteca

Estética, técnica e ética: guiados por António Branco



Adriana Nogueira

Classicista

Professora da Univ. do Algarve

adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Esta página tem tido poucos artigos sobre obras de não-ficção, mas hoje reequilibro um pouco, ao escrever sobre o livro que António Branco (professor da Universidade do Algarve e seu atual reitor) publicou recentemente, intitulado *Visita Guiada ao Ofício do Ator: um Método* (Grácio Editor).

Esta obra tem duas partes distintas: uma primeira, em que contextualiza a sua experiência teatral, a criação de um mestrado nessa área e consequente criação de um grupo de teatro, a assunção de pertença a uma determinada linhagem, da qual é um dos seus elos, estruturada sob a figura tutelar de Fernando Amado, através da atriz Manuela de Freitas. Aí se apresentam e discutem conceitos fundamentais, como os de genealogia, linhagem, autenticidade, ética, estética, técnica, mas também descrições de exercícios e outros aspetos práticos do ofício de ator, próprios de uma visita guiada (algo diferente de um manual).

A segunda parte é composta por todos os documentos possíveis de obter sobre a atriz Manuela de Freitas, desde entrevistas que deu na televisão ou em encontros vários e que aqui são transcritas pela primeira vez, a textos por ela escritos e dispersos. Ficamos a saber muito sobre a sua vida como atriz e quais os valores sobre os quais fundou a sua postura no teatro.

A Peste

Apesar de ter estado cerca de 23 anos sem fazer teatro, António Branco nunca perdeu a von-



António Branco publicou recentemente um livro sobre teatro

tade de voltar. Só não o fez mais cedo, porque não tinha conseguido reunir as condições que ele próprio exigia: ter um grupo de teatro e não um grupo onde ir fazer teatro. Um grupo que fosse constituído não por «uma massa informe, mas por indivíduos o mais distintos possível, assim se tornando num coletivo onde 'cada um tem de ser sempre melhor e exprimir-se cada vez melhor, para melhor servir a comunidade', o que necessariamente 'implica permanente vigilância e disponibilidade, estar sempre a começar do princípio, a percorrer sempre caminhos desconhecidos de relacionamento, de autoconhecimento e de expressão'». Com a criação, em 2006, do grupo A Peste (acrónimo de Associação de PESquisa TEatral), resultante da vontade de vários alunos que tinham terminado o Mestrado em Educação Artística e de outros que se lhes juntaram, as condições estavam criadas para que pudesse voltar a ser ator, vindo a exercer ainda outras funções, como as

de encenador, diretor de atores e dramaturgista (responsável, entre outras coisas, pelo estudo e preparação do texto a ser levado à cena).

A linhagem teatral – uma «visita guiada»

As palavras atrás citadas pertencem à atriz Manuela de Freitas, uma personalidade rara no panorama nacional a quem este livro presta uma homenagem, chamada pelo autor de «mestra».

Manuela de Freitas é também conhecida como poetisa, autora de numerosos poemas cantados pelo fadista Camané, mas a sua vida foi dedicada ao teatro e ao cinema, tendo entrado em filmes de Manoel de Oliveira, Jorge Silva Melo e, principalmente, de João César Monteiro.

Mas o que é isto de linhagem e de mestres (e, necessariamente, de discípulos)?

António Branco explica como a sua genealogia teatral remonta a Stanislavski, autor (encenador

e ator russo, falecido em 1938), que desenvolveu um «sistema» de interpretação para atores, a partir do qual muitos outros foram criando escolas. A mais conhecida é a americana Actors Studio, fundada por Lee Strasberg (autor do «método»), pela qual passaram alunos como Marilyn Monroe, Alec Baldwin ou Uma Thurman.

A partir de Stanislavski gerou-se uma «constelação», da qual faz parte a linhagem onde António Branco se insere, que remonta a Hedy Crilla (1898-1984, atriz austríaca exilada na Argentina, que aprendeu o «sistema» através dos livros do autor russo), com quem Adolfo Gutkin (nascido em 1936 em Buenos Aires e naturalizado português) trabalhou e que foi uma das grandes referências de Manuela de Freitas que, por sua vez, foi (é) a mestra de António Branco. Para este método de Manuela de Freitas, é decisivo o encontro inicial com Fernando Amado (uma história

contada no livro, com muita graça). António Branco esclarece as três linhas de força que formaram a atriz: «um princípio ético começa por ser ensinado por Fernando Amado; depois, Adolfo Gutkin ensina a operacionalizá-lo através de uma técnica; finalmente, João Mota dá-lhe uma configuração estética» (p.88). Sobre a «visita guiada» que proporciona aos seus alunos e que partilha conosco, o autor esclarece que foi dirigida por uma conceção «ética, estética e técnica do Teatro, baseada na conjugação dos ensinamentos de vários criadores e mestres do séc. XX: Gordon Craig, Constantin Stanislavski, Antonin Artaud, Bertolt Brecht, Fernando Amado, Jerzy Grotowski, Peter Brook, Adolfo Gutkin e Manuela de Freitas» (p. 167).

Autenticidade

O que se procura com esta linhagem teatral? Situar-se

numa «constelação», aceitar que essa é a sua origem, sem que por isso deixe de encontrar um caminho próprio.

Uma das questões fundamentais (à qual este livro dá um importante relevo) é a da *autenticidade* (ou *jogo autêntico*), ideia que se opõe a fingimento. Um exemplo curioso que nos é relatado por António Branco passou-se com Stella Adler (1901-1992 – professora que, originalmente, trabalhou com Strasberg, mas depois de conhecer pessoalmente Stanislavski, em 1934, afasta-se do «método» e cria o seu próprio conservatório, onde estudaram atores como Marlon Brando, Dustin Hoffman ou Robert De Niro) e exemplifica esta diferença: «Corre a seguinte lenda sobre Marlon Brando, a propósito de uma improvisação realizada durante uma aula: um dia, Stella Adler pediu aos seus alunos que se comportassem como galinhas, acrescentando, em seguida, que uma bomba estava prestes a cair sobre eles. A maior parte dos alunos começou a correr desesperadamente de um lado para o outro, mas Marlon Brando sentou-se, calmamente, a pôr um ovo. Quando, no final do exercício, Stella Adler pediu a Marlon Brando que explicasse o seu comportamento, ele terá respondido: «Sou uma galinha: que sei eu de bombas?».

Este livro é único no panorama português e não poderá ser desconhecido daqueles que estudam teatro, pois através dele poderão aprender «um conjunto de princípios e práticas extintos no teatro profissional português, mas que, em determinado período, estiveram fulgurantemente vivos». Mas não só: para além dos profissionais da área, também se dirige «a todo o tipo de pessoas que queiram levar consigo uma conceção da arte que persegue as grandes questões da vida» (p.206). Leverei.

AGENDAR



“ESPECTÁCULO DE RICARDO MARTINS”

9 OUT | 21.30 | Cine-Teatro Louletano

Ricardo Martins apresenta o seu primeiro trabalho de guitarra portuguesa, numa noite especial dedicada ao Fado



“DO DIA-A-DIA”

Até 31 OUT | Galeria do Convento do Espírito Santo - Loulé

Exposição de pintura e instalação de Alfredo Revuelta, que integra a coleção de Marie e Volker Huber